

Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.123 / JUNHO DE 2017

ENTREVISTA

80 ANOS DE JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

DOCUMENTÁRIO
A TRAJETÓRIA DA PRIMEIRA
PALHAÇA NEGRA BRASILEIRA
EM MINHA AVÓ ERA PALHAÇO

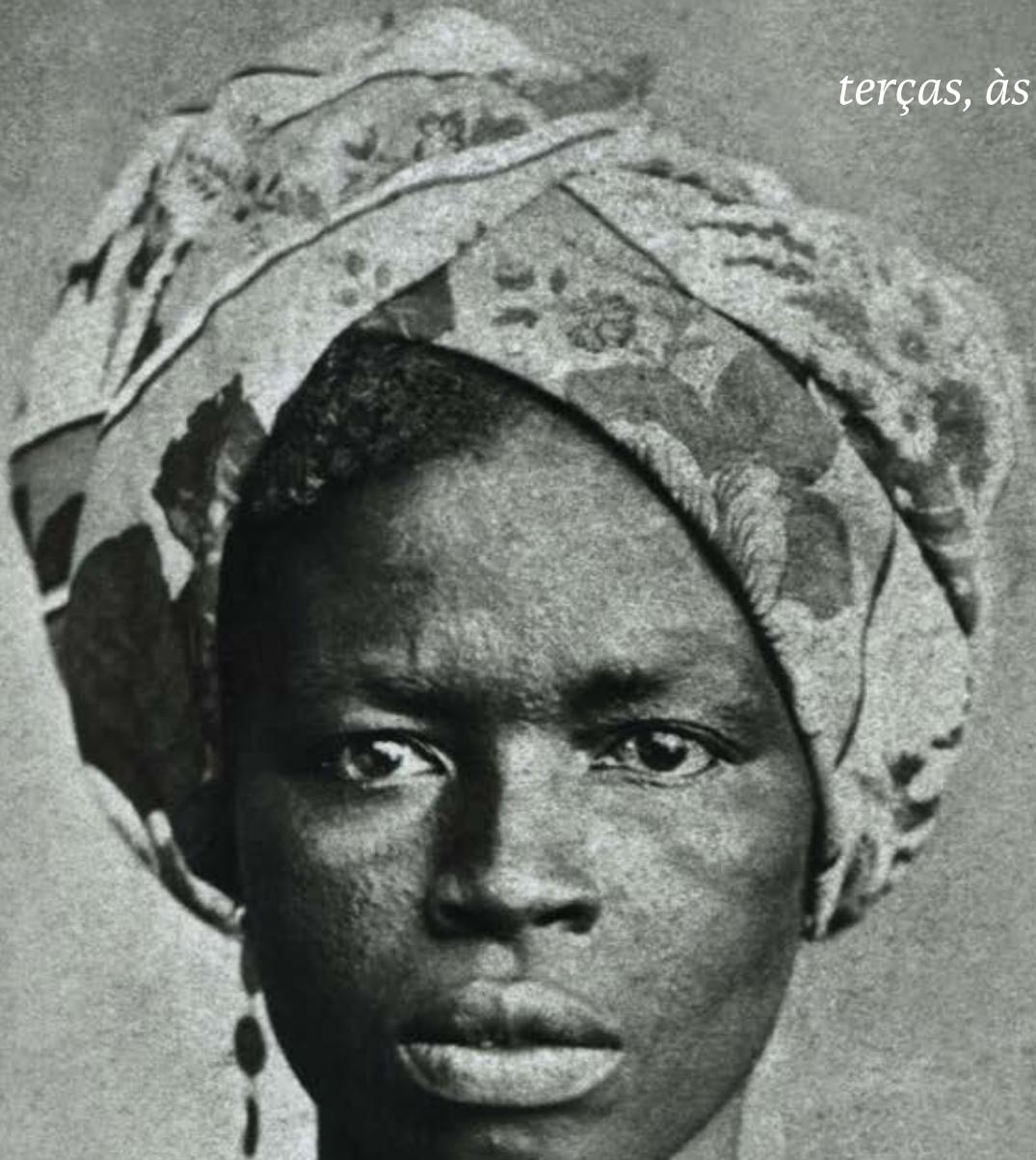
MÚSICA
SHOW INÉDITO DA BANDA
CANADENSE BADBADNOTGOOD

série
Na Sombra da História

Reflexões sobre a história do Brasil

direção: João Batista de Andrade

terças, às 17h30



Episódio: Escravidão. Foto: Alberto Henschel

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

DESTAQUES

- 4 O seio do palhaço
- 6 Juventude, improviso e técnica
- 7 Do erudito ao popular
- 7 Memória e Leite

ENTREVISTA

- 8 Zé Celso: “Eu não sou de resistir, eu sou de reexistir.”

ARTIGO

- 12 “Uma conversa sobre as artes do circo e os meios de comunicação”, por Ermínia Silva

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Foto de capa: José Celso Martinez Corrêa

Crédito: Eduardo Simões

Arte e metamorfose

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

No espaço democrático da cultura, cabe todo o acúmulo e conhecimento da capacidade humana de criar. As artes, cuja presença é garantida nesse espaço, trabalham com o simbólico, a imaginação e a fantasia, e possibilitam diversos meios de expressão.

De tempos em tempos, a sociedade se depara com a quebra de paradigmas e a contestação de valores estéticos, sobretudo no campo das artes, como o exemplo de uma artista circense que se veste de homem e se torna a primeira mulher palhaço da história do circo no Brasil. A trajetória de Maria Eliza Alves dos Reis, o palhaço Xamego, é exibida este mês no SescTV, no documentário inédito *Minha Avó Era Palhaço!* Com direção de Mariana Gabriel e Ana Minehira, a produção traz depoimentos sobre a primeira palhaça negra brasileira, considerada a grande atração do Circo Guarany, no início da década de 1940.

Em comemoração aos 80 anos do ator e diretor José Celso Martinez Corrêa, o canal exhibe produções que abordam sua vida e obra, como o episódio *Transgressões*, da série Teatro e Circunstância, entre outros.

Na faixa musical, o show da banda canadense de hip-hop e jazz BADBADNOTGOOD e a apresentação do Coral Jovem do Estado com a soprano Arianna Savall. E ainda, a rotina de jovens que percorrem todos os dias um trajeto entre seringueiras na Floresta Amazônica para irem à escola é tema do episódio *A Memória e o Leite*, da série Caminhos.

A Revista do SescTV entrevista Zé Celso, que fala sobre sua trajetória artística e o poder da arte. O artigo da historiadora Ermínia Silva discute a relação entre circo e comunicação. Boa leitura! ●

Envie sua opinião, crítica
ou sugestão para:

atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br

O seio do palhaço

Mulher, negra e palhaça, Maria Elisa Alves dos Reis é marco na história das artes circenses no Brasil, em uma época em que o papel de protagonista do riso era restrito aos homens



Diretora Mariana Gabriel e a imagem do palhaço Xamego.

“Perdi o trem, nasci atrasada. Acho que queria ter nascido pelo menos uns 40 anos antes. Queria ter vivido na época do circo do meu bisavô João Alves, onde a grande atração era minha avó, o palhaço Xamego.” Essa é a memória que Mariana Gabriel tem de sua avó Maria Elisa Alves dos Reis, a primeira palhaça negra do Brasil, figura na qual se espelha pelos exemplos de generosidade e força.

Maria Elisa nasceu em 1909, em uma família circense. Seu pai João Alves foi quem deu início

à tradição do circo na família. Tornou-se famoso como palhaço e empresário, dono do Grande Circo Guarany. Era muito respeitado no meio circense. “Ele era palhaço, e naquela época só os donos de circo faziam esse papel”, revela Carlos Antônio Spindola, o palhaço Biriba, que trabalhou com João.

Antes de ser palhaça, Maria Elisa foi cantora ao lado de sua irmã Ephigênia, com quem formava a dupla As Irmãs Alves. Juntas cantavam em programas de rádio, em busca do sucesso musical

DOCUMENTÁRIO *MINHA AVÓ ERA PALHAÇO!* APRESENTA A HISTÓRIA DA PRIMEIRA PALHAÇA NEGRA DO BRASIL



FOTO: DIVULGAÇÃO

que nunca conseguiram. Já no picadeiro, a história foi outra. Maria teve sua primeira chance de se apresentar em um momento difícil, quando a grande atração do circo da família, o palhaço Gostoso, interpretado por seu irmão Antônio Alves, ficou doente e precisou amputar as pernas. No momento em que o circo estava sem seu principal número, Maria Elisa fez seu pai sorrir com as graças de Xamego e conquistou o papel na trupe. “Ela armou o cabelo, colocou sobre ele uma pequena

cartola e fez graça, foi seu primeiro número”, comenta Daise Gabriel, filha de Maria Elisa.

A artista, ao se vestir de palhaço, usava uma maquiagem branca para não revelar sua verdadeira identidade. Maria Elisa sabia das dificuldades que enfrentaria por ser mulher, negra e palhaço. Daise, sua filha, cresceu convivendo ao mesmo tempo com as figuras da mãe e do palhaço. Pequena, não sabia bem como agir na presença de um ou de outro. “Com a minha mãe eu era dócil, mas com ele eu não sabia muito como me portar porque eu achava que poderia ser desobediente”, explica.

A figura da palhaça se popularizou no Brasil somente no início dos anos de 1980, com o surgimento das escolas de circo. “O feminino de palhaço não existia. Havia vários personagens que as mulheres representavam no circo, mas o papel de palhaço era reservado aos homens”, explica a historiadora e pesquisadora em circo, Ermínia Silva, reafirmando o pioneirismo e importância do trabalho de Maria Elisa no final do século 20.

Os espetáculos do Grande Circo Guarany, de João Alves, mesclavam números circenses e teatrais, e incorporavam outras companhias em sua trupe, como os Stankowich, os Tangarás e as famílias dos palhaços Arrelia e Pimentinha. A quantidade de artistas itinerantes era tão grande que era preciso fretar vagões de trem para que todos se deslocassem de uma cidade a outra.

A herança circense ainda é forte na vida da família Silva. Um trecho do livro *Terceiro Sinal*, de Dirce Militello, que conta a história do circo, inspirou Mariana Gabriel a gravar um documentário contando a vida de sua avó Maria Elisa. A escritora relata uma memória de infância que a deixou fascinada, foi quando viu o palhaço Xamego maquiado, num intervalo de cena, amamentando seu filho Aristeu. Dirigido por Mariana Gabriel e Ana Minehira, o documentário *Minha avó era palhaço!* é uma homenagem ao circo e a Maria Elisa Alves dos Reis, a primeira palhaça negra brasileira, que viveu o circo até seus 92 anos de idade. ●



**MINHA AVÓ
ERA PALHAÇO!
DIA 16, 20H.**

Direção: Mariana Gabriel e Ana Minehira.
Classificação: Livre.



Assista ao teaser do documentário:





FOTO: ANDREAS RAUN ARNEBERG

Juventude, improviso e técnica

O experimentalismo da banda canadense BADBADNOTGOOD une jazz ao hip-hop e leva frescor ao cenário da música mundial

Em 2010, quando os amigos Mathew Tavares, Alexander Sowinski, Chester Hansen e Lealand Whitty se conheceram nas aulas de música do *Humber College*, em Toronto, Canadá, não podiam imaginar o sucesso que teriam ao unir jazz e hip-hop e fazer disso o repertório de sua banda BADBADNOTGOOD. Aos jovens, essa mistura de sons, aparentemente inusitada, parecia inevitável. “Ao estudar jazz e começar a tocar um instrumento é natural você resgatar o hip-hop que cresceu ouvindo e brincar com a relação entre os dois”, explica Hansen, baixista do grupo.

O diálogo entre os gêneros passou a ser marca registrada. “Desde que nos conhecemos, ao invés de reproduzirmos o que já vinha sendo feito, nós tocamos versões instrumentais de rap”, conta Sowinski, o

baterista. Para o tecladista Mathew Tavares, a equação é simples: “Tocamos a música que amamos com a forma e a técnica do jazz”. Na trilha da experimentação, BADBADNOTGOOD encontrou uma sonoridade própria, também constituída em parte por influências dos acordes e harmonias de artistas brasileiros como Edu Lobo, Marcos Valle e Erasmo Carlos.

Com cinco álbuns de estúdio, a banda já se apresentou pela Europa, Estados Unidos e América Latina. No Brasil, passaram pelo Rio de Janeiro e por São Paulo, e reafirmaram a atração pela música local. “Por mais que o jazz, o pop e o funk também sejam feitos aqui, o Brasil tem todo um catálogo diferente de sons exóticos”, afirma Sowinski. O SescTV exhibe o show inédito do quarteto, gravado durante o Nublu Jazz Festival 2016, no Sesc Pompeia, na capital paulista. ●



BADBADNOTGOOD
DIA 21, ÀS 22H.
Direção para TV:
Camila Miranda
Classificação: Livre

FOTO: LECO DE SOUZA



Do erudito ao popular

DIA 28, 22H. Especial Musical.
Direção para TV: Daniela Cucchiarelli.
Classificação: Livre.

Estudantes de canto migram de várias partes do Brasil para a cidade de São Paulo, motivados pelo sonho de se tornarem coralistas profissionais. A oportunidade de darem os primeiros passos rumo à profissionalização acontece no Coral Jovem do Estado. “A minha experiência dentro do grupo traz responsabilidade e conhecimento. É uma porta de entrada para cantar profissionalmente”, explica Ludmilla Freitas, soprano que reconhece o coral como uma chance rara de desenvolvimento artístico. Regido pelo maestro Tiago Pinheiro, o coro trabalha composições eruditas e populares, e utiliza um figurino diferente dos concertos convencionais. “São apresentações simples e bonitas, com momentos mais calmos e sublimes”, afirma Marília Vargas, preparadora vocal dos jovens músicos que se apresentam ao lado da soprano e harpista espanhola Arianna Savall, no Festival Sesc de Música de Câmara, em concerto realizado em 2016, no Sesc Consolação, na capital paulista. ●

FOTO: HELOÍSA PASSOS



Memória e Leite

DIA 9, 15H. Caminhos. Direção: Heloísa Passos.
Classificação: Livre.

Todas as manhãs, antes mesmo de o sol nascer, Erivan e outros jovens, com a ajuda de pequenas lanternas, seguem uma trilha por entre as seringueiras, no meio da Floresta Amazônica, com um único objetivo: chegar à escola. “Meu sonho é o de estudar para conseguir um emprego melhor e ajudar as pessoas”, explica. Durante o trajeto, o som de seus passos em contato com as folhas por onde passam se mistura ao coaxar dos sapos e outros ruídos de bichos da mata, em uma sonoplastia perfeita de aventura. “Já encontramos cobras, tatus e, uma vez, uma onça passou. Ela pegou um tatu na beira do rio”. A sina de percorrer quilômetros a pé todos os dias para estudar é uma das inúmeras dificuldades que grande parte da população brasileira enfrenta. Com os moradores de Cumarú, no Acre, não é diferente. Na cidade, falta saneamento, luz e transporte. A dura rotina de Erivan, sua esposa e seus amigos na busca por educação e um futuro melhor é registrada no episódio *Memória e Leite*, da série Caminhos. ●

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA. ATOR, DIRETOR E DRAMATURGO.

O artista fala sobre sua trajetória no teatro e discute o poder da arte e a conjuntura social do Brasil

“Eu não sou de resistir, eu sou de reexistir”



VIDEOBRASIL NA TV: PRODUÇÃO INDEPENDENTE E ABERTURA POLÍTICA, DIA 19, 23H

Direção: Marco Del Fiol e Jasmin Pinho
14 anos

TEATRO E CIRCUNSTÂNCIA: TRANSGRESSÕES, DIA 20, 22H

Direção: Amílcar M. Claro
12 anos

TEMPORAL: A POLÍTICA DO AMOR, DIA 20, 23H

Direção: Kiko Goifman
16 anos

CONTRAPLANO: CONTRACULTURA, DIA 23, 1H

Direção: Luiz R. Cabral
14 anos

TEATRO E CIRCUNSTÂNCIA: TEAT(R)O OFICINA USYNA UZONA, DIA 25, 0H

Direção: Amílcar M. Claro
14 anos

Nascido em Araraquara, em 1937, o jovem José Celso Martinez Corrêa descobriu cedo sua vocação para as artes. Fez aulas de piano na escola, mas a rigidez e repreensão de sua professora levaram-no logo a desistir da música. Anos mais tarde, empinando pipa, teve inspiração para escrever sua primeira peça, *Vento Forte Para Um Papagaio Subir*, em 1958, mesmo ano em que fundou o grupo Teatro Oficina Uzyna Uzona. A partir de então, o estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, enveredou para o teatro e se firmou como um dos principais encenadores da década de 1960. Subiu ao palco na montagem de *Pequenos Burgueses* (1963), *O Rei da Vela* (1967), de Oswald de Andrade, *Roda Viva* (1968), com trilha sonora de Chico Buarque, entre tantas outras peças. Ao enfrentar problemas com a censura, durante a ditadura militar, em 1974, foi preso e exilado em Portugal, onde realizou o documentário *O Parto*, sobre a Revolução dos Cravos. Ainda longe de casa, na África, filmou *Vinte e Cinco*, sobre a independência de Moçambique. De volta ao Brasil, em 1978, manteve-se na vanguarda teatral, lutando para manter aberto seu Teatro Oficina, cuja construção foi tombada em 1982 e reinaugurada em 1993, com a estreia de *Ham-Let*. Os vários prêmios recebidos em seis décadas de carreira confirmam a importância do dramaturgo para o teatro brasileiro. Aos oitenta anos, Zé Celso

segue ativo e atento, em constante transformação, sem resistir, mas reexistindo na vida e nos palcos, espaço que considera naturalmente uma extensão de seu corpo.

Você já foi chamado de entidade, louco e revolucionário. Quem é Zé Celso?

É algo que me perguntam muito. A gente nunca sabe quem é. Eu estou num momento em que sou revisionado inteiramente, mesmo sem querer. A velhice é uma coisa maravilhosa do ponto de vista da percepção. A mudança é permanente. A gente é uma coisa que se movimenta juntamente com tudo.

Você recebeu o título de Exu Senhor das Artes Cênicas. Como aconteceu?

Foi Mãe Estela da Bahia que me deu. Ela tinha 80 anos quando assistiu à peça *Os Sertões*, de pé, e ficou pilhada quando viu a importância que tem a cultura africana dentro do nosso trabalho, assim como a indígena, a pop, e toda a antropofagia. Depois, houve um congresso internacional de candomblé no terreiro dela, na Bahia, em que o Juca Ferreira, ecologista e ambientalista, recebeu o título de Príncipe das Florestas, Oxóssi. E a mim, foi dado o título de Exu Senhor das Artes Cênicas. O Exu é um intermediário entre o céu e a terra, é um xamã das artes cênicas. Ela me definiu muito melhor do que qualquer um.





RAIO-X
ZÉ CELSO
ARARAQUARA (SP)

Formação
Direito

Alguns trabalhos:

- O Rei da Vela (1967)
- As Bacantes (1996)
- Os Sertões (2002)
- Macumba Antropófaga (2011)



**“Eu me aproximo
mais do corpo tupi.”**



“É engraçado que minha geração foi chamada de contracultura. Mas quem é “contra-a-cultura” são eles.”

“O teatro é meu corpo. É o espaço onde eu posso e faço o que quero e levo para qualquer lugar.”

»»

Como descobriu que sua profissão seria a arte?

Descobri quando tive um papagaio, o Imperador do Espaço. Ele caiu muito longe, molhado. No dia seguinte, o sol forte de Araraquara o rasgou. Em seguida, bateu um vento forte e o papel voou. Nesse momento, fui para o violão e escrevi uma música assim “*Eu hoje vou sair pro vento, vou até o firmamento, vou ver a terra a brilhar, brilhar...*” Depois fui para a máquina de datilografia e escrevi uma peça em 40 minutos, chamada *Vento Forte Para Um Papagaio Subir*. Foi aí que eu falei: é isso! A peça estreou em um teatro chamado Novos Comediantes. Em três dias, fomos consagrados.

O que o teatro, as artes e a cultura representam para você?

O teatro é meu corpo. É o espaço onde eu posso e faço o que quero e levo para qualquer lugar. Hoje, com mais dificuldade, por causa dessa situação econômica imposta, com repressão total à cultura – que inclusive saiu dos programas dos candidatos políticos, ninguém mais sabe o que é. É engraçado que minha geração foi chamada de contracultura. Mas quem é “contra-a-cultura” são eles. Eles têm medo da liberdade, da arte e da criação. Têm medo de tudo. Precisam criar um bode expiatório, culpar alguém para fugir do embate real, o embate descarado entre as pessoas que estão por baixo e por cima economicamente, querendo que a gente aceite o mundo do jeito que eles pensam. Para eles, nós não temos valor nenhum. Somos coisa para jogar fora.

Qual é o papel do artista?

No teatro, a nossa função é virar tudo do avesso. A função do artista é se comunicar com toda a humanidade que está ali, ao vivo, para

vê-lo. Sem exceção. É fazer perceber tanto a direita quanto a esquerda. O teatro é um espaço onde se exerce uma cosmopolítica. Ele tem que incorporar tudo: ciências, artes plásticas, literatura, religiões, bruxaria e nenhuma igreja. Porque aqui é um terreiro eletrônico. E para você perceber isso tem que se libertar de uma série de preconceitos conservadores, da ditadura da lógica e da cultura ocidental capitalista cristã. Ela tem um formato para fazer a cabeça. É isso que o teatro desfaz.

A arte tem poder político?

A arte tem um poder transpolítico. Ela exerce seu poder exprimindo com liberdade e expressando aquilo que o corpo que está sendo maltratado sente e não quer sentir. Mas todo ser humano tem poder político. Desde que ele perceba, mas não se deixe prender. Senão a gente não se ajuda e não derruba esse golpe, inclusive.

Você acha que a sociedade está mais careta?

Claro. Eles não admitem outro estado que não seja o careta. Minha geração conheceu Oswald de Andrade, encenou o *Rei da Vela*, fez o movimento da Tropicália e descolonizou o Brasil. Trouxe os rituais africanos, indígenas, gurus, a música pop, o teatro de revista, a rádio nacional, as coisas cafonas e misturou tudo o que estava reprimido. E agora com esse golpe temos uma imposição de retrocesso. Uma luta de classes que vem de cima para baixo.

Como você vê o cenário atual?

Tenho a percepção de que o mundo tem uma doença enorme que é causada pelo que chamamos progresso, com cifrões ilimitados, mas que não levam a nada. De repente, você se remete a uma peça de dois mil anos como



ZÉ CELSO EM TRÊS TRABALHOS

FOTO: ARTHUR MAX



■ *Cacilda (1998)*

FOTO: MARCOS CAMARGO



■ *Os Sertões (2002)*

FOTO: ACERVO TEAT(R)O OFICINA



■ *As Bacantes (2016)*

As Bacantes, e ela fala ainda hoje. Tem alguma coisa que existe no ar, uma repressão. O problema de tudo não é a sociedade. É o dinheiro, o capitalismo rentista que criou o momento de maior desigualdade na história. Depois de 1964, houve um retrocesso enorme no Brasil. Hoje, por exemplo, para fazer humor é só pegar frases baseadas nas coisas que estão acontecendo por aqui, na piração, na burrice, que é engraçadíssimo. Com essa história de ter que fazer greve aos domingos, eu me sinto em 1984. Com meus 80 anos, eu estou presenciando coisas que jamais imaginava ver na minha vida. É um momento velho e novo ao mesmo tempo.

Nos anos 1960, havia uma busca dos movimentos culturais por uma identidade genuinamente brasileira?

Não. Jamais buscamos um pensamento único. Nós queríamos a liberdade de expressão e de criação na arte, e liberdade de viver sem essa coisa de identidade. Por exemplo, eu não tenho uma identidade, não existe identidade cultural brasileira. Há uma cultura de um país que recebeu imigrantes do mundo inteiro e já possuía habitantes genuínos, os índios, que são gente como nós.

Você acredita que exista essa consciência cultural, principalmente em relação aos índios?

Eu me aproximo mais do corpo tupi, ou seja, *Tupy or not Tupy*. Ou eu tenho o corpo do índio ou eu não tenho. Se não tenho, tudo bem. Eu me deixo aprisionar e penso de acordo com que o sistema estabelece, ganho um papel e vivo inserido na sociedade capitalista.

Aos 80 anos de idade, o que mais o Zé Celso busca?

Eu não sou de resistir, eu sou de reexistir. A conjuntura atual mudou. Então, você tem que passar a ver as coisas de outro ângulo. E num ângulo que a minha idade e vivência de 80 anos me inspira. Tudo que está estocado é provocado.

Neste mês, o SescTV exhibe uma programação especial em homenagem aos 80 anos de José Celso Martinez Corrêa, com produções que abordam a vida e a obra do dramaturgo. ●

Uma conversa sobre as artes do circo e os meios de comunicação

Erminia Silva é historiadora, pesquisadora e consultora no campo das atividades circenses. Co-coordenadora do site Circonteúdo e do Grupo Circus da FEF-Unicamp, publicou o livro *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*, em 2007, e *Respeitável público... o circo em cena*, em 2009, com o dramaturgo e escritor Luiz Abreu.

por **Erminia Silva** imagem **Claudio Tomassi**

┌
Toda e qualquer discussão sobre a arte sempre foi motivo de disputas, pela multiplicidade de sentidos, teorias, ideias e achados em torno do tema. Em permanente produção, os conceitos sobre arte circulam por diferentes espaços, por diferentes canais, adquirindo por sua vez outros sentidos. Os meios de comunicação têm parte nessa história, um ir e vir de informações, de vozes que falam e outras que não estão por lá, de verdades anunciadas e histórias contadas. São construtores de narrativas sobre a arte e intermediadores na disputa sobre suas definições.

Diante da complexidade dos conceitos de arte, é importante se debruçar sobre uma delas, o circo. Desde que as artes do circo se constituíram, a partir do final do século XVIII e início do XIX, as produções circenses sempre disputaram os principais meios de comunicação existentes na divulgação de seus espetáculos. Muitas das propagandas circenses se diferenciavam das

outras por apresentarem desenhos dos artistas e até formatos de textos que facilitavam que analfabetos também conseguissem identificar que o anúncio tratava de circo.

No século XIX, no Brasil, mesmo onde não havia jornais, os circenses realizavam suas propagandas. Iam para rua divulgar, colavam cartazes que produziam, desfilavam com o palhaço montado sobre um burro, além de ser sua própria chegada às cidades um evento, uma propaganda. Naquele período, quando a principal mídia eram os jornais, os circenses a usavam plenamente. Na maior parte, as propagandas de eventos artísticos eram publicadas na última página, e o circo disputava tamanhos e formatos distintos com todos os outros anúncios, de espetáculos ou não.

Não se pode estudar a história do teatro, da música, da indústria do disco, do cinema, das festas populares, e da televisão no Brasil, sem

considerar o circo como um dos importantes veículos de produção, divulgação e difusão dos mais variados empreendimentos culturais. Os circenses sempre estiveram presentes como protagonistas e atuavam num campo ousado de originalidade e experimentação. Divulgavam e mesclavam os vários ritmos musicais e os textos teatrais, estabelecendo um trânsito cultural contínuo das capitais para o interior e vice-versa. É possível até mesmo afirmar que o espetáculo circense era a forma de expressão artística que mais público mobilizou durante todo o século XIX até meados do XX.

A partir dos anos 1960 e 1970, entretanto, e por inúmeras razões, os circos itinerantes de lona foram diminuindo de quantidade. Se para dentro dos circos e grupos itinerantes de lona o processo de transmissão do saber havia passado por mudanças significativas de continuidade, a teatralidade circense se mostrou rizomática, foi construindo novos percursos, desenhando novos territórios e formas diferentes de divulgação e circulação.

O advento das escolas de circo no mundo, assim como no Brasil, é um fato realmente novo na história dessa arte: antes, os saberes do circo eram passados dentro da lona, nas escolas permanentes, que eram os circos itinerantes. Hoje, cada vez mais artistas se fixam em determinada cidade e ocupam, literalmente, todos os espaços do urbano, inclusive os meios de comunicação em todas as suas vertentes.

Contudo, algumas narrativas que circulam sobre circo carregam visões complicadas e muitas vezes pejorativas. Nos anos 1980, o circo foi simbolicamente associado a coisas não sérias e vinculado à noção de que, se algo não funciona

a contento, é porque virou um circo. A figura do palhaço se tornou desqualificador de alguém. Os meios de comunicação contribuíram para acentuar essa visão.

Há um episódio emblemático que distancia o circo do mundo das artes. Quando da estreia do filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, em 2002, o crítico de cinema Inácio Araújo, que não gostou do filme, traçou no caderno *Folha Ilustrada*, do jornal *Folha de São Paulo*, um paralelo rápido e superficial entre passatempo e arte, e no final reforçou sua tese ao escrever: “Pede-se que esse passatempo tenha ideias – ou ao menos finja tê-las –, pois ninguém deseja que o cinema se confunda com coisas (sic) como parque de diversões ou circo, por exemplo, o que diminuiria seu valor”.

Nem mesmo alguns institutos de artes de universidades consideram o fazer do circo uma “arte”, apesar de um grande número de alunos de graduação e pós-graduação desenvolverem pesquisas sobre o tema.

Com o surgimento da internet, das plataformas digitais, das redes sociais, há uma mudança nos modos de como os artistas circenses podem divulgar seus trabalhos e espetáculos, ou mesmo disputar as narrativas sociais. Se, por um lado, esse movimento parece representar uma maior proliferação de espaços de divulgação – e não podemos dizer que não existe uma mudança importante neste sentido –, parece-me que esses espaços estão de alguma maneira restritos a um mesmo grupo de interesse, os próprios artistas circenses. Isso demonstra certa fragilidade e dificuldade na circulação de informações sobre esses temas e dificulta a disputa de enunciados sobre o circo enquanto produção artística. ●



Dia 9, 23h

CIRCO É... CIRCO Documentário. Direção: Daniela Cucchiarelli. Classificação: Livre.

“O circo mobiliza nas pessoas a dimensão da potência humana”, conta Lu Lopes, a Palhaça Rubra. Profissionais circenses debatem a formação do artista e o risco inerente ao ofício, em documentário que investiga a história e os conceitos do circo.

Dia 11, 21h30

NELSON AYRES BIG BAND

Instrumental Sesc Brasil.
Direção: Max Alvim
Classificação: Livre.

O arranjador, compositor e pianista Nelson Ayres iniciou a carreira na década de 1960, flertando com o jazz, o rock e a MPB. Primeiro brasileiro a estudar na Berklee College of Music, nos Estados Unidos, Nelson volta ao Brasil em 1971, depois ter trabalhado com Aírto Moreira, Flora Purim, Astrud Gilberto e Ron Carter. Antigo regente da Orquestra Sinfônica de São Paulo e ganhador do Grammy Latino, o músico com sua big band apresenta seu repertório em show inédito.

Dia 11, 8h

SOTIGUI KOUYATÉ – UM GRIOT NO BRASIL

Documentário.
Direção: Alexandre Handfest.
Classificação: Livre

Oriundos de etnias africanas, os *griots* são indivíduos que tem o compromisso de preservar e transmitir a história, a cultura e os conhecimentos de seu povo. Com esta missão, o ator e diretor africano Sotigui Kouyaté revela no documentário a importância da escuta para arte, comunicação e vida. “Foi meu papel de contador de histórias que me levou ao Teatro”, conta o ator.



FOTO: DIVULGAÇÃO



Dia 27, 22h

TEAT(R)O OFICINA UZYNA UZONA

Teatro e Circunstância.
Direção: Amílcar M. Claro.
Classificação: 14 anos.

O Teatro Oficina Uzyna Uzona, foi fundado em 1958 pelo ator e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa. Em 1991, sua sede passou por uma reforma projetada pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi. Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), em 1982, o teatro foi eleito o melhor do mundo na categoria Projeto Arquitetônico, pelo jornal britânico The Guardian.

Dia 29, 23h

JEAN-CLAUDE BERNADET

Sala de Cinema. Direção: Luiz Cabral. Classificação: Livre.

O professor, ensaísta, diretor e ator Jean Claude Bernadet fala em entrevista sobre suas experiências de vida e trabalho no Brasil. "A maneira de eu me inserir na sociedade brasileira, foi o cinema." Nascido na Bélgica, Jean Claude se naturalizou brasileiro em 1964.



FOTO: JÚNIOR ARAÇÃO



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim e Eloá Cipriano

EDITORIAÇÃO

Wendell de Lima Vieira

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fraay e Veridiana Piccinini



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Sidênia Freire

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Heloisa Ururahy

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

DIVULGAÇÃO

Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescvtv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescvtv.org.br



[/sescvtv](http://sescvtv.org.br)

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescvtv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescvtv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



musical

THE CINEMATIC ORCHESTRA

e MARCUS GILMORE'S ACTIONS SPEAK

em julho

Foto: Divulgação

Assista online:
sesctv.org.br/aovivo



/SECTV